

A GEOGRAFIA E A CONQUISTA DA MAIORIDADE CIENTÍFICA

(SANTOS, Milton. *Obra Revisitada*; Ed. Hucitec; São Paulo; 1996)

Jaime T. Oliva

Por ocasião das homenagens prestadas ao professor Milton Santos no ano de 1996 com o encontro "O mundo do cidadão Um cidadão do mundo" foram lançados dois livros que reuniam artigos de autores diversos abordando sua vida e obra. Um deles, organizado pela Prof^a. Ana Fani Alessandri Carlos, é uma coletânea de trabalhos escritos na sua maioria por ex-alunos do Prof. Milton. Trata-se de *Ensaio de Geografia Contemporânea. Milton Santos: Obra Revisitada*¹ A idéia foi prestar uma homenagem que fizesse justiça à postura intelectual do homenageado. Para tanto, encomendou-se aos autores dos textos que discutissem criticamente sua produção científica. Este objetivo foi razoavelmente atingido. Mas, outros resultados, talvez inesperados, serviram para destacar uma face preciosa do trabalho de Milton Santos. Sua atuação como professor.

Ao todo a coletânea constitui-se de 35 artigos distribuídos em 4 partes (Uma nova Geografia se delineia; Para uma epistemologia da cidade; Do espaço ao meio técnico-científico informacional; Um mundo globalizado) que funcionam como um roteiro do percurso intelectual do autor revisitado. Foram motivos dos artigos livros marcantes do professor (*O espaço dividido, O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo, O espaço do cidadão* e outros) e conceitos que se consagraram e são decisivos na sua elaboração (o meio técnico-científico informacional, formação sócio espacial, a Geografia como filosofia das técnicas, por exemplo). Assim, o resultado é um cenário que contém a evolução do pensamento do professor Milton como fio condutor, mas que se abre em cada segmento para os temas

que serviram a esta evolução.

Independente da qualidade dos artigos, antes de tudo é preciso destacar que no contexto da Geografia brasileira este livro visto numa perspectiva histórica é um prodígio. Merece ser considerado como um passo significativo na conquista de maioria científica desta disciplina. Exagero? Só para quem ainda não se deu conta da fragilidade teórica com a qual a Geografia até recentemente era praticada. Um trabalho como este era impensável há 15 anos. Pelo menos não com tantos autores jovens, quase todos de uma só universidade e praticamente de uma mesma geração. E é evidente que o Prof. Milton tem um papel decisivo nesta história. Uma boa parte dos participantes do livro são ou foram seus orientandos, outros foram seus alunos na graduação ou na pós-graduação. Não será somente isso que explica a nova qualidade encontrada no livro, mas este fato tem um peso inegável.

Não se compreende a preocupação com o rigor dos textos, a tentativa dolorosa do pensamento teórico - mesmo quando apenas interpretando-o -, a busca incomum de outros autores não geógrafos, de filósofos, que nota-se neste livro e que de uns anos para cá vem invadindo vigorosamente a Geografia, sem a verificação da influência dos professores e pesquisadores que produzem e reproduzem os conhecimentos. A renovação crítica da Geografia é um fenômeno mais abrangente do que o papel exercido por seus protagonistas, mas, obviamente não se explica sem análise das produções e atuações individuais.

Decerto que não há dificuldades em detectar-se a influência em novas gerações de autores, professores e pesquisadores do pensamento de um autor importante. Difícil é

1 - CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.); *Ensaio de Geografia Contemporânea*.

demonstrar com clareza a influência, em geral bem mais fluída, diluída e mesmo inconsciente, da postura intelectual de um professor. Mas, no caso de Milton Santos pode ser afirmado com certeza que trata-se de um professor que vem formando, além de sua própria obra, uma enorme quantidade de geógrafos e não geógrafos. E isto não é fácil atualmente, e foi mais difícil ainda quando do seu ingresso na Universidade de São Paulo. A coletânea em questão expressa o sucesso do seu trabalho.

A obra de Milton Santos não é de fácil tratamento. Não permite a urgência do entendimento. Um antigo e esquecido economista russo dos tempos heróicos da revolução socialista, Evgéné Preobrajensky, ao analisar a obra de Karl Marx referia-se ao produtor de conhecimentos no campo social como alguém que não dispõe de um laboratório para experimentos, como os que lidam com fenômenos naturais. Mas, isto não dispensava a necessidade do experimento, do teste, da construção e reconstrução de conceitos e teorias que buscassem ir apreendendo a realidade. Assim, na impossibilidade e inexistência de laboratórios concretos para os cientistas sociais, restava a eles a imaginação, ou melhor a abstração como laboratório. Esta isola fatos e mecanismos, detecta essências, cria conceitos, propõe narrativas teóricas, checa-as com a realidade, reformula-as e assim vai-se adiante. Com um laboratório desses fez-se a obra de Milton Santos.

Este geógrafo é um produtor infundável de conceitos. Seu pensamento é teorizante em tempo integral. Sua quase obsessão em criação de sistemas, sem o quais a realidade não pode ser observada, faz da leitura e análise de seus textos uma travessia que exige concentração, a prática da abstração, o cuidado com a lógica que sustenta as idéias e os enunciados. Quando os assuntos são a construção ontológica do espaço geográfico e epistemologia da Geografia, somem as referências empíricas mais imediatas e os exercícios da leitura e do entendimento são mais exigentes ainda. Com um material desta natureza os autores tiveram que lidar no livro.

Evidente que o livro é desigual e desequilibrado em muitos aspectos. Percebe-se na leitura a natureza distinta das intenções dos autores. De imediato destacam-se dois grupos de textos. Um deles, mais numeroso, trabalha diretamente livros e conceitos de Milton Santos, sem afastar-se de seus conteúdos, numa tentativa de tradução e

interpretação. Na maioria dos casos o sucesso é apenas relativo, pois os autores ficam excessivamente presos ao texto do professor e aos autores com os quais ele trabalha. A obra de Milton Santos não é fechada, idiossincrática ou forjada numa subjetividade incomunicável. Pelo contrário. Mas, seus comentadores, no caso, quase a encerram num casulo por não ousarem usar também suas próprias referências, o que permitiria abrir a obra, aplicando-a às suas próprias preocupações e enunciando-a com linguagem própria.

Trabalhar e usar toda a terminologia conceitual do autor, não significa utilizá-la como jargão, que não exige explicação. Ademais as múltiplas traduções possíveis só farão enriquecer e abrir para novas elaborações este veio teórico. E também aumentarão sua penetração e influência em outros ambientes. Nem todos os textos deste grupo padeceram do problema apontado, este é o caso, por exemplo, do texto de Perla Zusman. E nem sempre aqueles textos que ficaram no mesmo espectro lingüístico, com o mesmo rol de autores do professor, não foram esclarecedores e além. Maria Laura Silveira no seu artigo "Uma teoria geográfica da sociedade: razão global e razão local" demonstra isto, com um domínio notável da produção do autor.

Já o outro grupo de textos, que é menor, dialoga com a obra de Milton Santos, tentando empregá-la ou utilizar algumas referências, no desenvolvimento de suas próprias abordagens de temas relacionados à questão ambiental, à urbanização e à globalização. Neste caso, o saudável foi notar o uso de alguns aspectos teóricos ou mesmo aqueles excertos inspiradores típicos do texto e da verve de Milton Santos. Por exemplo, a já célebre assertiva sobre o consumidor mais-que-perfeito que querem travestir de cidadão. Mesmo assim, não é possível afirmar-se que esta abordagem de fora, que dialoga e tenta aplicar a obra do autor foi bem sucedida neste livro. E aqui resulta a maior fraqueza do livro enquanto conjunto. A análise crítica que problematiza, que relaciona o pensamento do autor aos debates contemporâneos, que relaciona seu pensamento atual (ou a forma atual) às formas anteriores de sua elaboração, aparece timidamente.

Por outro lado, ressalta-se a utilidade prática que este livro terá, o que não é de importância menor. Todos os textos são bem cuidados, rigorosos na sua construção, com indicações orientadoras e esclarecedoras das publicações do Prof. Milton Santos. Além disso, não parece faltar quase nada

(pelo menos em termos quantitativos) dos principais tópicos e esquemas teóricos desenvolvido ao longo dos anos. Estão presentes suas elaborações sobre o espaço geográfico (embora pouco ultrapassando as definições dadas), a caracterização deste espaço como meio técnico-científico informacional e como espaços racionalizados, algumas discussões sobre espaço e tempo, uma presença constante da técnica como elemento central seja no urbano, nas relações globais e em especial, referências constantes às outras racionalidades que escapam da racionalidade instrumental dominante, da modernidade reduzida. É a temática dos pobres, portadores em potencial do novo, da superação.

É recorrente em vários textos a aparente descoberta recente dos pobres e da força lugar como fontes do novo e da resistência. Talvez, isto gere uma imagem de novidade enganosa ao leitor. Têm-se a impressão, que esta fala de Milton Santos que

vem se popularizando, é uma resposta recente. É bom lembrar que esta "novidade" já não é tão nova assim, e guarda coerência com elaborações anteriores, importantes e muito bem fundamentadas como a idéia do circuito inferior da economia urbana, que é uma conquista dos pobres. Quando se pergunta, perplexo, o que os pobres podem fazer? A resposta é já fizeram e muito. Leiam o *Espaço Dividido*. Quanto à força do lugar é necessário atentar para as complicações desta discussão, que pode confundir velhos nacionalismos e discursos patrióticos com esta elaboração que é uma conquista da Geografia.

Por fim, este livro testemunha e documenta uma outra conquista importante de Milton Santos que sempre fez questão de dizer que a discussão essencial não era sobre a Geografia e sim sobre o espaço geográfico. Seus alunos assim compreenderam e é nisto que mergulham.